

**Discursos sociais em mídias digitais:
análise da campanha de conscientização sobre HIV e Aids**

**Social discourses in digital media:
analysis of the HIV and AIDS awareness campaign**

**Discursos sociales en medios digitales: análisis de la campaña de
sensibilización sobre VIH y SIDA**

Gustavo de Oliveira Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais –
ISULDEMINAS – Minas Gerais – MG – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4243-1742>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1927836522803936>

E-mail: gustavo.ocosta@yahoo.com.br

Luan Pazzini Bittencourt

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6103-9967>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2270579296594582>

E-mail: luanpazzini1@gmail.com

Resumo: Neste estudo analisamos de maneira discursiva-crítica, comentários publicados na rede X/Twitter, a partir da Análise de Discurso Crítica (ADC). Os tweets analisados foram postados a partir de uma publicação de campanha de conscientização sobre HIV e Aids, promovida pelo Ministério da Saúde, em 2022, e neles usuários se posicionam de diferentes formas sobre o tema. Apresentamos a rede X/Twitter como espaço de produção discursiva midiática, refletimos sobre a educação sexual nas escolas, estabelecendo uma relação com os discursos analisados. Os resultados das análises evidenciam que o ensino e sexualidade influenciam na produção de discursos sobre HIV e AIDS nas mídias digitais, desencadeando a manutenção ou não de informações equivocadas sobre o tema.

Palavras-Chave: Análise do Discurso Crítica; Discursos sociais; HIV; Educação Sexual.

Abstract: In this study, we analyzed, in a discursive-critical way, comments published on the X/Twitter, using Critical Discourse Analysis. The tweets analyzed were posted from an awareness campaign publication about HIV and AIDS, promoted by the Ministry of Health, in 2022, and in them internet users take different positions on the topic. We present the X/Twitter as a space for discursive media production, we reflect on sexual education in schools, establishing a relationship with the analyzed discourses. The results of the analyzes show that education and sexuality influence the production of discourses about HIV and AIDS in digital media, triggering the maintenance or not of misleading information on the topic.

Keywords: Critical Discourse Analysis; Social Discourses; HIV; Sex Education.

Resumen: En este estudio analizamos, de manera discursivo-crítica, comentarios publicados en la red X/Twitter, utilizando el Análisis Crítico del Discurso (ACD). Los tuits analizados provienen de una publicación de una campaña de concientización sobre el VIH y el SIDA, impulsada por el Ministerio de Salud, en 2022, y en ellos los usuarios adoptan diferentes posiciones sobre el tema. Presentamos la red X/Twitter como un espacio de producción mediática discursiva, reflexionamos sobre la educación sexual en las escuelas, estableciendo una relación con los discursos analizados. Los resultados de los análisis muestran que la educación y la sexualidad influyen en la producción de discursos sobre el VIH y el SIDA en los medios digitales, provocando el mantenimiento o no de informaciones engañosas sobre el tema.

Palabras clave: Análisis Crítico del Discurso; Discursos sociales; VIH; Educación sexual.

1. Introdução

As mídias digitais desempenham um papel fundamental na disseminação de informações e na formação de opiniões sobre uma ampla gama de questões sociais, incluindo aquelas relacionadas à saúde pública. Assim, este artigo analisa os discursos produzidos em comentários na rede social *X/Twitter* em relação a uma publicação específica sobre HIV e Aids, promovida pelo Ministério da Saúde em 2022.

Pesquisas recentes revisitam a literatura relacionada a educação sexual (CARVALHO; JARDIM; GUIMARÃES, 2019), analisam a produção de corpos nas e pelas mídias (FRANÇA, 2020) e discursos de publicações noticiosas acerca de pessoas travestis e transexuais em portais de notícia (ARRUDA; ARAÚJO, 2021). Tendo em vista que ainda são poucos os estudos sobre discursos de HIV e Aids relacionados a educação sexual, nosso objetivo neste artigo está situado nessa direção. Interessa-nos aqui a análise de discursos produzidos no *X/Twitter*, em campanhas de conscientização sobre HIV e

Aids. Para isso, recorreremos às teorias sobre mídia, análise de discurso crítica (ADC) e educação sexual, pois a produção de discursos parte de contextos sociais e de conhecimento adquiridos por quem o produz.

Ao concentrar-nos nesta temática, observamos sequências discursivas que se destacam em padrões, opiniões e informações compartilhadas dentro das grandes áreas sociais políticas, atenção primária à saúde e educação sexual, que permitem ainda relacionar discursos sociais sobre a sexualidade e a necessidade de promover a educação sexual abrangente. Educar neste contexto, desempenha um papel significativo na prevenção e no entendimento das infecções sexualmente transmissíveis, na compreensão das diversas formas de relações interpessoais e as questões emocionais que impactam os indivíduos. Desempenha, também, uma forma de enfrentamento aos preconceitos e de desmistificar rótulos associados aos corpos LGBTQIAP+.

Neste artigo apresentamos, inicialmente, uma abordagem teórica sobre a mídia e os discursos produzidos no ambiente digital. Em seguida o conceito da educação sexual sob a ótica das diretrizes brasileiras da educação, a metodologia e a análise discursiva, que partem de reflexões sobre a conjuntura política no Brasil desde o ano de 2019. Por fim, produzimos nossas reflexões sobre as análises, incluindo os efeitos da educação sexual e das mídias na produção de discursos presentes nas práticas sociais.

2. Mídia e discursos digitais

Nos últimos anos, testemunhamos significativas transformações na forma como consumimos conteúdo digital. As mídias digitais têm se tornado um dos principais meios de comunicação e entretenimento, e com isso, as narrativas também evoluíram. Antes restritas à linearidade das histórias impressas e cinematográficas, elas agora incluem a interatividade, a participação do público e a personalização. Consequentemente influencia e reflete dinâmicas sociais e políticas.

É possível observar ainda que, o fator de influência e domínio social, a partir da narrativa, que Prado *et al* (2017, p. 1161) denominam como um “processo de produção textual, que se apropria do carácter recente dos processos audiovisuais e tecnológicos aptos a inovar o ato de contar história”, geram estruturas de poder e ideologia que operam através dos meios de comunicação e afetam a formação da opinião pública. Kellner

(2001) discorre sobre o tema ao analisar a *Teoria Crítica da Sociedade*, influenciado pelas ideias da Escola de Frankfurt e outras correntes de pensamento crítico. O autor afirma que há uma pluralidade de discursos e que os indivíduos vivenciam essas lutas de domínio, por meio de imagens, discursos e espetáculos.

Importa dizer que esses discursos presentes na mídia digital estão interligados às práticas sociais que “são constituídas na vida social, nos domínios da economia, da política e da cultura,” da educação e de outras esferas da vida cotidiana, seja física ou virtualmente (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 35). A partir disto, é possível afirmar que elas “definem modos particulares de ação e, embora eventos realizados possam divergir mais ou menos dessas definições e expectativas (porque eles atravessam diferentes práticas sociais e por causa dos poderes causais de agentes sociais), eles ainda são parcialmente moldados por elas” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25).

Ou seja: as práticas sociais são “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares”, por meio das quais as “pessoas aplicam recursos — materiais ou simbólicos — para agirem juntas no mundo” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). Para explorar essa vida cotidiana, Kellner (1991, p. 3) sugere que as abordagens de estudos reconheçam também a cultura e as manifestações contemporâneas, abrindo “caminho para explorar como a ideologia funciona dentro da cultura popular, e como imagens e figuras constituem parte das representações ideológicas de sexo, raça e classe”.

As imagens e figuras citadas pelo autor podem ser encontradas nas narrativas em diversas formas, como fotografias, vídeos, gráficos, entre outros. Além disso, desempenham diversas funções, como, por exemplo, de envolver o indivíduo, pois são capazes de apresentar informações de maneira mais acessível e simplificada; de criar uma atmosfera de ampliação dos discursos produzidos por meio de textos; e de representar identidades.

Já as representações ideológicas, também citadas anteriormente por Kellner, desempenham um papel significativo na forma como as informações são apresentadas, interpretadas e percebidas pelo público. Nas narrativas, essas representações podem ser incorporadas de várias maneiras: herdando estereótipos culturais; opondo-se a outras ideologias para conscientizar sobre questões sociais; criando grupos ideológicos em que indivíduos são expostos principalmente a informações que confirmam suas próprias crenças; sendo canal para que usuários expressem opiniões e tentem influenciar outras narrativas.

Essa influência ocorre devido ao dialogismo e intertextualidade presentes no processo de leitura e interpretação, pois a “leitura que fazemos objetiva explicitar como a emergência de um texto pode trazer à tona sentidos já existentes no âmbito do interdiscurso” (CAZARIN, 2006, p. 299), o que gera a produção de novos discursos que dialogam com outros pré-existentes.

De acordo com Foucault (2009, p. 9) “a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Assim, as narrativas tentam organizar as representações ideológicas e, por muitas vezes, reforçam preceitos hegemônicos errôneos sobre temas como a sexualidade, veiculando informações que reforçam o preconceito e estigma, sem considerar a pluralidade presente na sociedade. E a partir do momento em que estes discursos são produzidos e reproduzidos no âmbito educacional, há um comprometimento do processo de aprendizado e desenvolvimento social dos alunos.

3. Educação e sexualidade

Ao falar de educação e sexualidade, muitas são as problematizações relacionadas ao tema. Uma delas está relacionada à terminologia considerada mais adequada. Ao pesquisar sobre o assunto, encontra-se estudos utilizando termos como: educação sexual, orientação sexual e educação para a sexualidade. Nesta pesquisa, optamos pelo termo educação sexual, que “é mais conhecido, popularmente enraizado e define bem tanto um campo de intervenção pedagógica quanto área de ciência educacional” (RIBEIRO, 2017, p. 12).

Ainda sobre as terminologias, faz-se necessário entender a complexidade da palavra sexualidade. Muito disseminada na sociedade, principalmente em discursos políticos atuais associados a questões de moralidade, valores e família, ela teve o significado banalizado e limitado ao sexo. Contrariando tais distorções, Maia (s.a) afirma que

[...] sexualidade é o nome que damos para o aspecto da vida humana que inclui as sensações corpóreas e subjetivas que envolvem, também, as questões emocionais. Claro que não dá para separar a emoção, a razão, a cognição e as questões sociais, o que torna a sexualidade um conceito abrangente, que diz respeito a várias manifestações e não somente a sexo (MAIA, s.a, s.p).

Sendo assim, a sexualidade não se limita apenas à anatomia e à fisiologia do corpo humano, mas também abrange temas como relacionamentos, consentimento, contracepção, infecções sexualmente transmissíveis (IST), saúde sexual e reprodutiva, orientação sexual e identidade de gênero.

Outra discussão entorno da educação sexual é a definição de qual grupo social é responsável por ela: família, religião, escola ou outros? Sendo um amplo campo passível de análise, delimitaremos nossos estudos ao ambiente escolar.

Apesar dos avanços nas últimas décadas, as políticas do Ministério da Educação (MEC) passaram por alterações que afetaram a inclusão do tema em sala de aula. De acordo com matéria publicada pelo portal de notícias G1, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tinha, em suas três primeiras versões, menções a “sexualidade e gênero” de uma forma mais crítica e reflexiva, porém foram retiradas da última versão oficial. Atualmente, o documento menciona apenas temas relacionados à puberdade, métodos contraceptivos e mudanças hormonais para alunos matriculados a partir do 8º ano do ensino fundamental. Assim, todas as referências ao tema são focadas em aspectos biológicos.

Essas diretrizes vão de encontro ao que orienta a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). No documento *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências*, a organização diz que a educação sexual deve: ser ofertada de forma integrada, sendo baseada em fatos e evidências relacionadas à sexualidade e comportamentos; gradativa, sendo ensinada desde cedo em uma abordagem de currículo em espiral; apropriada, considerando idade e estágio de desenvolvimento da criança e do adolescente; baseada em direitos humanos, reconhecendo e respeitando os direitos das outras pessoas, e defendendo aqueles cujos direitos são violados; baseada em igualdade de gênero, conscientizando sobre a diversidade do gênero na vida das pessoas; culturalmente relevante e adequada ao contexto, compreendendo e questionando como estruturas, normas e culturas afetam escolhas e relacionamentos; transformadora, empoderando indivíduos e comunidades a partir do raciocínio crítico; e capaz de desenvolver as habilidades para a vida necessárias para apoiar escolhas saudáveis, ajudando crianças e jovens a formarem relacionamentos respeitosos com familiares, colegas, amigos e parceiros amorosos ou sexuais.

Considerando, então, as definições sobre sexualidade e o que dizem os documentos internacionais sobre a educação sexual, apesar de a documentação brasileira não abranger todas as orientações, a escola deve ser entendida como “instituição social inserida na práxis social como um todo e seu papel deve ser de formação de homens e mulheres omnilaterais, capazes de apropriação plena da condição humana e inserção emancipadora no mundo do trabalho, da cultura e das vivências sexuais realizadoras” (NUNES; SILVA, 2000, p. 17).

Considerando, então, as abordagens feitas sobre discursos, educação e sexualidade, partimos para a análise dos textos produzidos em rede sociais digitais, conforme o percurso metodológico apresentado a seguir.

4. Percurso metodológico

Este estudo se caracteriza como qualitativo, interpretativo, explanatório, documental e transdisciplinar. Magalhães *et al* (2017, p. 31) argumentam que a análise do discurso crítica (ADC) é uma área de pesquisa situada na tradição qualitativa interpretativista e tem como foco de estudo o significado das ações sociais. Segundo os pesquisadores, os elementos textuais são “argumentos para uma interpretação da prática social, haja vista que os textos são artefatos para o estudo do processo social, podendo ter sua análise expandida na relação com categorias sociais” (MAGALHÃES *et al*, 2017, p. 31).

Essa conexão entre categorias textuais e sociais, situa uma das principais características da ADC: a transdisciplinaridade, já que busca entender como o discurso (linguagem falada ou escrita) é usado para construir significados e representar realidades. Nesta pesquisa, ela se faz presente por promover um diálogo entre diferentes áreas do saber: educação, sexualidade e discursos que circulam socialmente. Tal característica vai ao encontro da afirmação de Padilha; Oliveira (2019, p. 116) ao afirmarem que a ADC “não se limita ao estudo da linguagem ou da prática social”. Portanto, na análise, não há áreas de conhecimentos privilegiadas em detrimento a outras.

Nosso estudo discursivo partiu do seguinte problema: como os comentários gerados a partir da publicação de uma campanha sobre HIV e Aids na mídia digital, do Ministério da Saúde, promovem discursos de desinformação ou informação sobre o tema? Para a coleta do corpus, utilizamos a ferramenta de busca disponibilizada pela Rede X/Twitter para encontrar publicações do perfil oficial do Ministério, que tivessem a presença dos termos “campanha”; “HIV”; “Aids”,

“minsaude”. Como resultado, foi identificado que a campanha mais recente foi publicada em dezembro de 2022 e, até o momento desta análise, possui 77 comentários de usuários da rede social. Os resultados foram refinados depois de leitura individual das interações, observância de não repetição de usuários e diversidade dos temas abordados em cada discurso produzido. A partir desses procedimentos, oito *tweets* passaram a integrar o corpus.

A análise discursiva dos *tweets* seguiu o método da análise de discurso crítica, já que consideramos que as mídias possuem um discurso com características próprias, estas já citadas anteriormente. Padilha; Oliveira (2019) afirmam que a ADC mapeia vozes e identifica os sentidos, o que vai ao encontro das análises desta pesquisa. A partir dos comentários selecionados, foram observadas a presença de vozes e os sentidos produzidos nestes discursos (BENETTI, 2008). Depois, escolhidas as sequências discursivas (SDs), conforme o quadro abaixo, que ajudam a compreender como os elementos do discurso estão organizados para comunicar significados e construir o texto.

Quadro 1 – Sequências discursivas.

Sequência discursiva	Característica
SD01 - Política	Discursos que mencionam o Estado e/ou a seus representantes.
SD02 - Educação sexual	Discursos que mencionam questões da sexualidade para fins de ensino e esclarecimento de dúvidas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

De início, apresentamos a campanha publicada pelo Ministério da Saúde em 2022, e a conjuntura social do Brasil, entre os anos de 2019 e 2022 para contextualizar o momento político social em que a campanha e os comentários selecionados foram publicados. A partir disto, analisamos discursivamente os sentidos, a interpretação das narrativas geradas a partir das escolhas de palavras nos *tweets*, e criticamos em uma articulação entre sentido, sequências discursivas e educação sexual.

5. Análise discursiva de tweets em campanha de conscientização sobre HIV no ano de 2022

Dezembro Vermelho é uma campanha de conscientização e prevenção contra a AIDS e o HIV, que acontece anualmente, no mês de dezembro. A cor vermelha simboliza a solidariedade, a luta e a sensibilização em relação ao tema, e a campanha busca educar o público sobre a importância da prevenção, tratamento e combate ao estigma associado às pessoas vivendo com HIV.

A última campanha, realizada em 2022, trouxe como tema “Quanto mais combinado, melhor!”, informando que existem diversas maneiras de se prevenir o HIV.

Figura 1 – Campanha Quanto mais combinado, melhor.



Fonte: Ministério da Saúde (2022).

Além de destacar os tradicionais métodos de prevenção, a campanha trouxe ainda informações sobre a PEP (Profilaxia Pós-exposição ao HIV), PrEP (Profilaxia Pré-exposição ao HIV), testagem e autoteste. E reforça ainda que, ambos os métodos podem ser utilizados em conjunto, aumentando a eficácia de proteção.

O conceito de combinar, abordado na campanha, também foi abordado no vídeo¹ publicado em uma postagem na Rede X/Twitter, pelo perfil do Ministério da Saúde, e ampliado em significado. Ao analisar a narrativa e imagens utilizadas, o vídeo mostra que a combinação também está presente nos relacionamentos, já que representa diferentes arranjos de casais. Isso reforça a outra frase utilizada na imagem mostrada anteriormente, que diz “No amor e na prevenção, combinar sempre é a melhor opção”.

No tópico a seguir, destacamos as sequências discursivas (SDs) nos *tweets*² produzidos a partir da publicação na mídia citada, e em seguida, uma análise discursiva dos sentidos gerados, a partir de tais discursos, dentro de um contexto social.

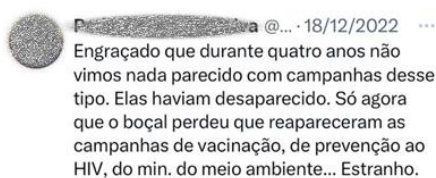
¹ Disponível em: <https://twitter.com/minsaude/status/1600140178147852290>. Acesso em: 06 nov. 2023.

² Como forma de proteção a imagem dos usuários da rede social X/Twitter, os nomes da conta e fotos de perfil foram suprimidos.

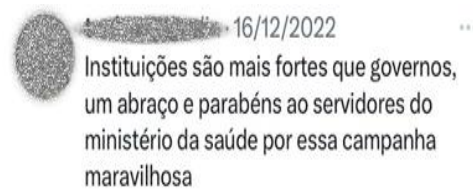
5.1 Sequência discursiva política

O período de 2019-2022 registrou uma conjuntura brasileira desafiadora e marcada por uma série de questões políticas, econômicas e sociais. Com um viés político de extrema direita, o então presidente na época, Jair Messias Bolsonaro, se apresentou com um plano de governo conservador, marcado pela promoção de valores tradicionais, e se opôs a políticas consideradas de esquerda. Isso resultou em uma polarização política significativa no país, com apoio de seus seguidores, mas também uma oposição igualmente fervorosa. Ressalta-se que as opiniões sobre o governo Bolsonaro são profundamente divididas, e a avaliação de sua gestão varia dependendo da perspectiva política e ideológica de cada indivíduo. Mas, também, é necessário destacar que muitos dos seus atos legitimaram discursos preconceituosos, principalmente ataques a grupos sociais de maior vulnerabilidade, causando impactos negativos nos programas de saúde pública relacionados ao HIV e Aids.

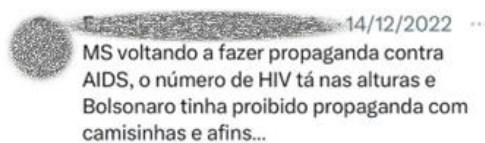
A Agência de Notícias da Aids, em 2020, publicou uma análise feita pela Folha de São Paulo, da primeira campanha de combate ao HIV e Aids promovida pelo então governo, citando a exclusão de pessoas LGBTQIAP+ e alternativas de prevenção. É a partir da comparação entre essa primeira e última campanha no governo Bolsonaro, que os comentários apresentados a seguir (T1, T2 e T3) foram produzidos.



Texto 1 (T1)



Texto 2 (T2)



Texto 3 (T3)

Categorizados como SD01, pela similaridade nos discursos reproduzidos em seus conteúdos, os usuários comentam de forma crítica a publicação da campanha postada pelo Ministério da Saúde, associando-a a questões relacionadas à política.

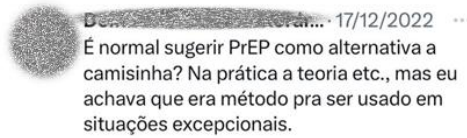
Ao citarem “[...] durante quatro anos não vimos nada parecido” (T1), “instituições são mais fortes que governos” (T2) e “MS voltando a fazer propaganda contra Aids” (T3), observamos que ambos os discursos trazem um recorte temporal para direcionar a crítica a um governo específico, que atacou as ações e campanhas relacionadas ao HIV e Aids conforme mencionado anteriormente. Em T3 há um resgate do histórico dessas ações governamentais ao dizer “Bolsonaro tinha proibido propaganda com camisinhas e afins”, e T1 amplia essa abordagem ao lembrar também das “campanhas de vacinação [...], do min. do meio ambiente”, mostrando que o silenciamento de prevenção também atingiu outras áreas sociais. Ainda em T1, ao finalizar seu comentário com a palavra “estranho” (T1), o usuário deixa em aberto uma reflexão sobre os motivos das informações presentes na campanha voltarem a ser veiculadas naquele momento, podendo, assim, inferir que só foi possível porque houve uma derrota eleitoral para um candidato contrário às ações realizadas pelo governo Bolsonaro.

Ao mesmo tempo que T1 e T2 resgatam acontecimentos anteriores do governo para comparar a última campanha com as demais, T3 também, ao citar a política, exalta positivamente a mudança de posicionamento do Ministério da Saúde ao dizer que “instituições são mais fortes que governos” e ao parabenizar os servidores do ministério.

5.2 Sequência discursiva educação sexual

Conforme já abordado nesta pesquisa, a educação sexual é um processo educativo, que visa fornecer informação, conhecimento e orientação sobre questões relacionadas à sexualidade humana, e abrange, além da anatomia e fisiologia, as relações interpessoais e aspectos emocionais e psicológicos da sexualidade. Assim, promove uma compreensão saudável, responsável e informada da sexualidade, ajudando as pessoas a tomar decisões conscientes e seguras.

O debate sobre métodos contraceptivos e de prevenção fazem parte destes estudos. Observe o *tweet* produzido por T4.



Texto 4 (T4)

O usuário demonstra conhecer os recursos preventivos disponíveis, mas também traz uma dúvida sobre eles: “É normal sugerir PrEP como alternativa a camisinha?”. O vídeo da campanha não afirma que um é equivalente ao outro, mas sim, que podem ser usados de maneira combinada, ampliando as possibilidades e eficácia de proteção. Outra afirmação que indica certo grau de desconhecimento sobre o uso dos métodos, é quando T6 diz que “[...] achava que era um método pra ser usado em situações excepcionais.”. Apesar de a expressão “situações excepcionais” indicarem exceção a algo, é necessário dizer que a PrEP é indicada para um grupo amplo de pessoas. De acordo com o Ministério da Saúde, além de pessoas em situação vulnerável ao HIV, situações como: não uso de camisinha nas relações sexuais, histórico de episódios de ISTs, contexto de relações sexuais em troca de dinheiro, objetos e drogas, e a prática sexual sob a influência de drogas psicoativas, também são indicativas para uso do medicamento.

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada em 2019, indica que, das pessoas com 18 anos de idade ou mais que tiveram relação sexual nos 12 meses anteriores à data da entrevista, apenas 22,8% relataram usar preservativo em todas as relações sexuais. Outras 17,1% afirmaram usar às vezes e 59% dos entrevistados, nenhuma vez. Os dados mostram que a indicação de uso da PrEP não seria tão excepcional como informado no discurso de T4.

Socialmente, é possível encontrar pessoas afirmando que o preservativo muitas vezes é desconsiderado por causar desconforto durante o ato sexual ou pelo seu uso demonstrar infidelidade ao parceiro. Alguns também o associam como prevenção somente para pessoas que se relacionam sexualmente com diversos parceiros. Foi seguindo essa crença que, em 2020, Bolsonaro recomendou as famílias rasgarem páginas de uma cartilha que ensinava adolescentes sobre o uso de camisinha (AGÊNCIA AIDS, 2020) e defendeu a abstinência sexual (BBC NEWS, 2020) como forma alternativa de prevenção. Mas este discurso representa o que parte da população também acredita. T5, ao comentar na campanha de conscientização, o reproduz:

16/12/2022 ...
Vivemos numa sociedade libidinosa.
Crianças sendo apresentadas a
sexualidade;
Música, cinema, cultura, tudo faz apologia
ao sexo desregrado, ausência de amor,
promiscuidade;
Distorceram liberdade com libertinagem;

Mas, para o Estado 🇧🇷, o problema é a falta
de preservativo.
L

Texto 5 (T5)

Ao falar sobre “apologia ao sexo desregrado” e “promiscuidade”, o usuário demonstra ser a favor do ato sexual regrado, apenas com a pessoa com que se tem um relacionamento. O ato ainda deve estar limitado ao conceito social de amor, pois em seu discurso afirma que o sexo também é promovido em situações de “ausência de amor”, ignorando assim as necessidades fisiológicas do próprio corpo. O discurso é finalizado dizendo que “para o estado o problema é a falta de preservativo”, ignorando toda a diversidade sexual existente na sociedade e inferindo um pensamento que a conscientização deveria ser pautada no costume social que preza por relacionamento estáveis, heteronormativos, monogâmicos, fidelidade e sexo com a finalidade reprodutiva.

Este grupo de conceitos estão dentro do que muitos políticos, inclusive Bolsonaro, defendem como bons costumes. A Agência de Notícias da Aids, em 2020, publicou uma análise feita pela Folha de São Paulo, da primeira campanha de combate ao HIV e Aids, promovida pelo então governo, citando a presença de termos heteronormativos como “ele só combina com ela”, e uma fala do Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que dizia ser prioridade investir em campanhas para prevenir ISTs, sem ofender as famílias (AGÊNCIA AIDS, 2020).

De acordo com T6, os discursos equivocados ou que reproduzem preconceitos, podem ser minimizados com uma educação sexual efetiva.

15/12/2022 ...
educação sexual, campanhas de prevenção,
várias maneiras de cuidar de si e do outro:
enfim, a informação ❤️🤔

Texto 6 (T6)

A escolha da palavra “informação” demonstra que é a partir dela que é possível desmistificar, desmentir inverdades e construir um novo conhecimento. Dentro de um discurso breve, T8 resume a proposta da educação sexual: “campanhas de prevenção” para informar e conscientizar; “maneiras de cuidar de si e do outro” afirmando que há uma responsabilidade individual mas também afetiva sobre o outro, o que envolve as relações interpessoais e emocionais.

6. Considerações Finais

O estudo dos *tweets* elencados, indicam que alguns usuários têm mantido a propagação de discursos errôneos e preconceituosos acerca do HIV e Aids. Essa manutenção disseminada no meio digital, agrava a marginalização dos corpos de pessoas que vivem com o vírus e reforçam informações equivocadas nos espaços públicos, como na rede *X/Twitter*, o que se apresenta como um reflexo de outros discursos que podem ocorrer fora da rede, sendo assim uma representação de parte da sociedade.

Pela análise do corpus, ainda é possível observar que há interdiscursividade manifestada nas produções dos usuários com o contexto político apresentado, o que causa um efeito de manutenção dos problemáticos discursos e ações governamentais da época. Identificamos a predominância de comentários engajados de crítica e de condenação de relacionamentos e métodos de prevenção que não estão presentes no que denominam como bons costumes sociais.

Por outro lado, parte dos *tweets* analisados também indicam uma interdiscursividade com produções que integram efetivamente a educação sexual na conversa digital. Neles, é possível observar certo grau de informação que vai de encontro aos discursos errôneos sobre o tema, indicando que o conhecimento é capaz de produzir novos discursos positivos como forma de enfrentamento.

Independente do grupo em que os *tweets* analisados estão, importa dizer que todos estão pautados pela educação sexual. Primeiro, porque ela é um ato político, pois envolve questões relacionadas ao poder, controle, igualdade e direitos individuais. Também por indicar que a construção de uma consciência coletiva mais informada e capacitada pode lidar proativamente com questões de saúde sexual, promovendo uma abordagem positiva sobre a prevenção do HIV e Aids. Dá mesma

forma que a ausência dela causa a permanência de crenças já desmentidas pela ciência e a identificação de indivíduos a grupos sociais que não são capazes de observar a sexualidade de forma plural e natural ao ser humano.

O enfrentamento desse problema social parcialmente discursivo, deve ocorrer, tendo distintas frentes de ação: o Estado deve agir para manter a promoção e constante atualização da educação sexual na escola, sem que esteja pautada em questões políticas ou religiosas, mas sim em prol dos direitos humanos, das diferenças e diversidade da sexualidade em suas práticas e vivências. Incluir programas de formação midiática no âmbito educacional para prevenção de discursos de ódio e desinformação que afetam a integridade de grupos socialmente vulneráveis.

Por fim, a partir das reflexões produzidas neste estudo, outros problemas sociais parcialmente discursivos emergem. A formação pedagógica dos professores nos temas educação sexual e os materiais de apoio utilizados na educação básica também necessitam de análise, assim como aqueles sobre educação midiática. Tais sugestões são formas de fazer com que o estudo sobre o tema apresentado passe por constante atualização e mantenha sua relevância social no âmbito da pesquisa.

Referências

AGÊNCIA AIDS. *Ativistas repudiam corte de R\$ 407 milhões na política de aids e dizem que decisão do governo Bolsonaro representa o desmonte do enfrentamento ao HIV*. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/ativistas-repudiam-corte-de-r-407-milhoes-na-politica-de-aids-e-dizem-que-decisao-do-governo-bolsonaro-representa-o-desmonte-do-enfrentamento-ao-hiv/>. Acesso em: 25 out. 2023.

AGÊNCIA AIDS. *Retrospectiva 2019/ Da vanguarda ao silêncio: com Bolsonaro, campanhas de HIV excluem gays e alternativas de prevenção*. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/retrospectiva-2019-da-vanguarda-ao-silencio-com-bolsonaro-campanhas-de-hiv-excluem-gays-e-alternativas-de-prevencao/>. Acesso em: 25 out. 2023.

ARRUDA, A. M. A.; ARAÚJO, R. Travestis e pessoas transexuais na mídia alagoana: análise do discurso em portais online. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 17, 1–20, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1504>. Acesso em: 11 nov. 2023.

BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1492/964>. Acesso em: 25 out. 2023.

CARVALHO, L. G. L.; JARDIM, M. C.; GUIMARÃES, A. P. M.. *Educação sexual na perspectiva dos temas transversais: uma revisão de literatura*. Educationis, v.7, n.2, p.19-29, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.6008/CBPC2318-3047.2019.002.0003>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CAZARIN, E. Língua, leitura e interpretação: sistematizando questões. In: CAZARIN, Ercília; RASIA, Gesualda. (Orgs.) *Ensino e aprendizagem de línguas: língua portuguesa*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FRANÇA, F. F. *Gênero, diversidade e tecnologias: educação para os corpos nas e pelas mídias. Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama*. Campina Grande: Realize Editora, 2020.

KELLNER, D. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo: EDUSC, 2001.

KELLNER, D. *Film, politics, and ideology: reflections on Hollywood Film in the age of reagan*. UCLA Graduate School of Education & Information Studies, Los Angeles, 1991.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MAIA, A. C. B. *Sexualidade e educação sexual*. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf. Acesso em: 09 out. 2023.

NUNES, C.; SILVA, E. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2000.

PADILHA, E. C.; OLIVEIRA, D. B. Análise de Discurso Crítica (adc): transdisciplinaridade e atualidade teórico - metodológica para pensar discursos e relações de poder. *Inovação & Tecnologia Social*, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47455/2675-0090.2019.1.1.1984>. Acesso em: 16 set. 2023.

PRADO, A. L.; LAUDARES, E. M. de A.; VIEGAS, P. P. C.; GOULART, I. do C. V. Narrativas digitais: conceitos e contextos de letramento. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. esp.2, p. 1156–1176, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10286>. Acesso em: 20 set. 2023.

RESENDE, V. D. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2016.

RIBEIRO, P. R. M.. Entrevista educação para a sexualidade. *Revista Diversidade e Educação*, v. 5, n. 2, p. 07-15, 2017.

TENENTE, L. Educação sexual nas escolas: entenda por que Unesco e especialistas dizem que ela deve ser tema na sala de aula. *GI*, 15 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/09/15/educacao-sexual-na-escola-pode-evitar-casos-de-abuso-saiba-o-que-as-criancas-devem-aprender.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

UNESCO. *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências*. Paris, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308.locale=en>. Acesso em: 10 out. 2023.

Recebido: 21/06/2024.

Aprovado: 10/07/2024.